

São focados os principais delitos, suas motivações e consequências. Os delitos mais comuns seriam a familiaridade com cristãos-novos ou com os detidos e o abuso de poder e do estatuto conferido pelo cargo para efetuar prisões ilícitas, exercer vingança ou para usar de intimidação em proveito próprio. Uma das motivações principais seria a de ganhar dinheiro, valendo-se os culpados do medo infundido pelo Santo Ofício. Segundo o quadro fornecido no último capítulo, os carcereiros e os familiares situam-se, em relação ao total dos processos, na ordem dos 45%, sendo os últimos apontados como os casos mais graves, por se tratar de leigos e estarem inseridos na comunidade e em estreito contacto com a população. As penas variavam, usando-se contudo de certa severidade, já que os delitos dos agentes da Inquisição denegriam a imagem desta junto da sociedade, abalando a sua credibilidade. Muito comuns eram a destituição dos cargos e o degredo para as colónias.

O livro apresenta, no final, o índice de fontes e bibliografia, seguido de três Anexos, constituídos por tabelas das quais constam os ministros e oficiais do Santo Ofício sentenciados pelos diversos delitos nas três regiões consideradas. A encerrar, vêm o resumo e o índice geral. O resumo da obra dá a panorâmica geral, enquanto os Anexos constituem uma síntese clara e informativa do conteúdo. Além da identidade dos prevaricadores, são patentes os cargos que ocupam no Santo Ofício, as suas profissões, os delitos cometidos e sua eventual abjuração; quando seja o caso, indica-se se possuem parentes na Inquisição e ainda os números de processo, penas e respetivas publicitação e determinação final.

Como é sublinhado na apresentação e prefácio da obra, é bem-vinda esta nova abordagem nos estudos da Inquisição portuguesa (com a ressalva, também mencionada, de um trabalho de Fernanda Olival que contempla o período de 1600 a 1773), ficando o caminho aberto para novos olhares numa matéria que está longe de estar esgotada.

FEITLER, Bruno

*The Imaginary Synagogue:
anti-jewish literature in the Portuguese Early Modern World (16th-18th centuries)*

Leiden, Boston: Brill, 2015. 206 p. ISBN: 978-90-26410-6

S U S A N A B A S T O S M A T E U S

Uma das áreas representativas da literatura de polémica religiosa produzida em contexto ibérico é, sem dúvida, a de cariz antijudaico. Integrando-se num contexto historiográfico de renovação da problemática em torno das dimensões do antijudaísmo ibérico, Bruno Feitler apresenta com este livro o resultado de uma pesquisa de vários anos. Logo no título o livro de Feitler remete-nos para uma das imagens mais cristalizadas e recorrentes do discurso antijudaico, mormente o que emana das esferas diretamente associadas ao ambiente inquisitorial, a *Imaginary Synagogue*, que transporta o leitor para esse alarme recorrente que

os guardiães da ortodoxia católica incutiam nas populações, o dos cristãos-novos judaizantes que secretamente se reuniam para praticar o judaísmo sob uma máscara de falsos cristãos.

Compreendendo uma visão diacrónica da literatura antijudaica (dos séculos XVI a XVIII), o livro de Feitler é mais do que um elenco de tipologias de textos, correspondendo a uma essencial visão problematizada do fenómeno. Na sua introdução ao livro, o autor apresenta as premissas conceptuais em que se enquadra, realçando que a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos, assente nos princípios de pureza de sangue «slowly transformed tradicional anti-jewish religious discourse into-New-Christian racial discourse» (p.1). Deste modo, Feitler compagina a sua investigação com outros recentes trabalhos que realçam esta componente racial do antijudaísmo ibérico da Época Moderna, como os de David Nirenberg, Francisco Bethencourt ou François Soyser. Por outro lado, ainda na introdução teórica ao livro, Bruno Feitler reafirma a validade do conceito de antisemita para esta produção literária, como a expressão discursiva de um “Iberian anti-Semitism” que emergiu na Península Ibérica após as expulsões e conversões forçadas de finais do século XV, ideia que já havia sido defendida por Yosef Hayim Yerushalmi em alguns dos seus estudos.

Um dos aspetos que se deve igualmente destacar do trabalho de Bruno Feitler é o profundo diálogo que o autor realiza entre os discursos escritos e os discursos iconográficos e aqui podemos destacar mais uma singularidade deste trabalho: o facto de ele apresentar um diálogo com uma coleção privada, a de Roberto Bachmann, em Lisboa, que possui um riquíssimo espólio de documentos e de objetos relativos a esta temática. Esta “parceria” fornece ao leitor a possibilidade de contar com um fascinante anexo de *Inquisitorial Medals and Diplomas*, objetos que são muito pouco conhecidos, mesmo do público mais especializado.

A estrutura do livro é centrada fundamentalmente em quatro capítulos. O primeiro *Jews in Portugal and the Beginnings of Polemical Literature* corresponde a um capítulo que contextualiza o ambiente português em que emergem os primeiros exemplos de polémica antijudaica. Os três capítulos seguintes dedicam-se a uma análise minuciosa dos impressos que o autor elegeu como objeto do seu estudo. Em *Portuguese Anti-Semitic Literary Production: Forms, Objectives, and Reception (17th-18th Centuries)* apresenta-se uma tipologia das obras, divididas essencialmente em sermões e listas de autos-da-fé, por um lado, e tratados, por outro. Dá-se igualmente atenção às fontes destas obras e às fortunas da sua circulação e difusão e eventuais episódios de censura. O terceiro capítulo, *The New Christian Image*, é dedicado ao grande sujeito desta produção textual: o cristão-novo. O capítulo divide-se numa análise da terminologia empregue; em dois dos tópicos fundamentais associados a esta minoria, o deicídio e o facto de serem inimigos dos portugueses; e, por último, algumas considerações sobre as práticas e crenças religiosas dos cristãos-novos. No quarto capítulo, *Continuity and Change: The Different Currents of Anti-Jewish Literature*, faz-se uma apresentação da tendência evolutiva desta literatura através de duas tipologias de textos, os memoriais e os panfletos, procurando linhas de continuidade e de ruptura.

Uma das principais conclusões desta obra prende-se precisamente com esta evolução temporal em que, segundo Bruno Feitler, os textos de teor antijudaico com carácter apostólico dão, em meados do século XVII, lugar a uma realidade bastante diferente «in

which the anti-Semitic feeling of the Portuguese clearly appears» (p.115) Esta produção continuaria inalterada até aos primeiros sopros das Luzes que, pelo menos, teriam minorado esta tendência. Para Feitler esta literatura, associada à atividade inquisitorial, permitiu a manutenção do prejuízo e do ódio social, servindo como um claro veículo de propaganda. Por fim, o autor apresenta uma última reflexão, com a qual conclui o livro, que pode servir como desafio para futuras investigações sobre a sociedade portuguesa da Época Moderna: «On the other hand, this literary production served as a mirror for the same society. The reiterated self-affirmation of a very pure Catholicism, such as those decrees which tried to create a law that was never respected, show not only the ideal their authors desired, but how far it was from reality» (p. 120).

Para além do já mencionado anexo iconográfico, o autor apresenta ainda a transcrição do sermão pregado no auto-da-fé de 5 de maio de 1624 em Lisboa, publicado por Geraldo Vinha. Pregado pelo dominicano António de Sousa, é, segundo o autor, «a good example of the rhetoric and the *topoi* used in this type of publication» (p. 130).

SCHEBESTA, Paul

*Portugal: a Missão da Conquista no Sudoeste de África.
História das Missões da Zambézia e do Reino do Monomotapa (1560-1920)*

Lisboa: Missionários do Verbo Divino, 2011, 510 p. ISBN: 978-989-97552-0-8

HUGO GONÇALVES DORES

CEHR/UCP e CES/UC

Esta obra do missionário verbita Paul Schebesta (1887-1967) sobre a atividade missionária cristã em Moçambique é a tradução portuguesa do seu *Portugals Konquistamission in Südost-Afrika*, publicado em língua alemã, em 1966. Ora, este lapso temporal de mais de quarenta anos, entre a publicação da obra original e a sua tradução em português, constitui o principal desafio desta recensão, que parece exigir mais um enquadramento historiográfico deste estudo no período em que foi inicialmente publicado, do que a análise crítica inerente a uma qualquer recensão.

Por diferentes ordens de razão, o trabalho de Schebesta está mais próximo dos incontornáveis contributos para a historiografia portuguesa sobre missões elaborados entre as décadas de 1950 e 1970 por reconhecidos autores do tema, como António da Silva Rego (a quem Schebesta elogia o trabalho de publicação de fontes sobre a expansão portuguesa), António Brásio ou Félix Lopes, do que dos mais recentes estudos sobre missões, não obstante a sua recente publicação. Tal como estes autores, também Schebesta esteve ligado ao labor missionário, tendo sido chefe de uma missão da Sociedade do Verbo Divino, em Moçambique no início da década de 1910. Juntamente com outros membros da congregação religiosa católica, Schebesta foi um dos muitos missionários cristãos presos pelas